

O longo dia de Osório, candidato ao Senado

REJANE DE OLIVEIRA
Editoria de Política

São sete e meia da manhã. Numa mansão do Lago Sul, o homem magro, estatura mediana, 57 anos, desiste de esperar o seu velho motorista Alaor que, a bordo de um Santana cinza, atravessa a cidade várias vezes ao dia e cuida com carinho da extensa agenda de candidato do patrão.

Faltando apenas quinze minutos para iniciar suas gravações para o programa eleitoral de rádio, o presidente do PFL e candidato a senador Osório Adriano embarca na Brasília branca que serve à sua residência e segue para o estúdio alugado pelo partido na Asa Norte. Voz pausada, lê diante dos microfones os dois textos elaborados no dia anterior: no primeiro, explica porque é candidato; no segundo, defende a oportunidade de trabalho como direito e dever da pessoa humana. Mais de uma hora é consumida até que as gravações sejam consideradas satisfatórias.

Perto das 10h, o candidato entra em seu comitê eleitoral, que ocupa três pavimentos de um prédio no Setor Comercial Sul. É uma das propriedades imobiliárias da Brasal, a concessionária de veículos Volkswagen pertencente a Adriano, assim como as instalações cedidas para a sede do partido, todo um andar em outro edifício do SCS.

Recebido pelos assessores o empresário mantém a sua primeira reunião de trabalho com o diretor do Iate Clube, Valtér Chaier, para definir a programação do coquetel que oferecerá à noite aos seus correligionários. As instalações do clube, segundo diz, lhe foram cedidas gratuitamente, enquanto as demais despesas ficariam a cargo dos organizadores, entre os quais inclui-se o seu substituto na Brasal, Luiz Roberto.

Enquanto discute o roteiro do discurso que fará à noite, o candidato pefelista é surpreen-

dido com o som de um alto-falante, cujo locutor o acusa de estar comprando votos. É o candidato J. Pingo, que passa em frente ao Comitê em sua kombi de campanha para mais uma "provocação", conforme Osório Adriano. Chamado por uma das secretárias de "babaca", Pingo investe: "Viram que falta de educação, minha gente? E assim que eles esperam representar vocês".

Indignado com as acusações, o empresário garante que não vai reagir, pois estaria "entrando no jogo deles". O que não o impede de, logo a seguir, perguntar ao seu coordenador de campanha, advogado Paulo Goyaz, se haveria uma fórmula jurídica capaz de impedir manifestações daquele tipo. O assessor sugere uma denúncia ao juiz eleitoral, pedindo a apreensão do carro de Pingo por estar veiculando propaganda sonora antes das 14h.

UDR, NÃO

São 10h30. A reunião agora é com o produtor rural Luiz Gorga, que se diz representante de sua classe e traz a Osório um documento de reivindicações da categoria. Subscrito por outros 44 produtores brasileiros, o manifesto lamenta que nenhum candidato seja vinculado à classe rural e faz exigências para apoiar o postulante pefelista.

Quem se comprometer às reivindicações de produtores (Lindberg Aziz e Osório já o fizeram), terá direito, pelo menos segundo o produtor de soja Luiz Gorga, aos dez a quinze mil votos concentrados na região rural do Distrito Federal. Dono de 200 hectares na área do PADF, Gorga reage energicamente quando perguntado se pertence à UDR: "Saiba que tenho ojeriza aos movimentos radicais".

MELHORES SALÁRIOS

O próximo encontro é com dois oficiais de justiça do Tribu-

nal do Trabalho, que pretendem apoiar o candidato do PFL em troca da defesa de suas reivindicações salariais: "Nossas diárias são precárias e só não participamos da última greve porque o presidente do Tribunal é gente boa", explica o oficial Manuel Rodrigues, enquanto Osório Adriano procura descobrir, na carta-compromisso de seu partido, um item que defenda o servidor público. Finalmente o encontra, e aproveita para apontar a justiça social como uma das teses que levará à Constituinte. A partir daí, a conversa torna-se repetitiva sem que qualquer das partes decida-se a despedir-se.

Apesar de tudo, e por iniciativa dos oficiais, o encontro termina. E a hora de entrar para uma longa conversa o professor Jaime Zveiter, líder da chapa dissidente que concorreu na pró-convenção do PFL e acabou derrotada pelo esquema de Adriano. Trata-se, sem dúvida, de um encontro político (durou mais de uma hora e a repórter foi solicitada a deixar a sala), mas a versão final foi singela: Jaime teria ido convidar Osório a reunir-se com membros do Sindicato de Estabelecimentos de Ensino de Brasília, o que efetivamente ocorreu à tarde.

As 12h30 é a vez de Enio de Almeida, conterrâneo do candidato (ele nasceu em Uberaba), convidar Osório a visitar a nova prefeitura da Vila Planalto, Zoé Gonzaga, que à noite também aparecerá no coquetel do Iate. São 3 mil votos a serem disputados, dos quais o candidato pefelista, na opinião de Almeida, pode obter pelo menos a metade.

ORGULHO DO SUCESSO

Engenheiro, tendo chegado a Brasília no início da construção e participado de obras como a montagem das estruturas metálicas do Congresso, Adriano sentiu logo a falta de grandes empreiteiros na cidade e foi por este caminho que começou sua



Uma cervejinha descontraída num bar pode dar votos. Reuniões no partido sempre ajudam a ajustar a máquina da campanha eleitoral. No Palácio, com Marco Maciel A política passa a ser o elemento mais importante na vida de quem sonha alto e muito

carreira bem-sucedida. Hoje, além da Brasal, Taguauto, postos de gasolina e propriedades rurais, é dono de uma empresa, a Rhede Tecnologia, que fabrica no Setor de Indústrias o mais avançado aparelho nacional de intercomunicação de computadores. Orgulhoso, afirma que seus negócios oferecem 1 mil 500 empregos diretos em todo o Distrito Federal.

Ele explica que se iniciou na política há dois anos, quando recebeu apelo dos ministros Aureliano Chaves e Marco Maciel, e até do então senador Sarney, para fundar a Frente Liberal em Brasília. A maioria das reuniões que resultaram na Aliança Democrática foram realizadas no mesmo Edifício Brasal onde hoje funciona a sede pefelista.

JOÃO DA SILVA

São 16h. Depois de esperar por mais de uma hora pela equipe de filmagem, finalmente o candidato chega à Catedral para iniciar a gravação de seu programa para a televisão. A produtora olha em volta, não

gosta do local nem da posição do sol, sugere o Congresso. Na frente da Câmara, é o próprio Adriano quem escolhe o local exato onde aparecerá nos vídeos de toda a cidade amanhã, falando sobre a transformação do Distrito Federal em Estado.

Enquanto o candidato refaz a cena algumas vezes, o eleitor João da Silva Soares, 23 anos, funcionário da Cooperativa do Congresso, acompanha todos os movimentos da equipe, ao mesmo tempo em que descarrega caixotes de água mineral. A repórter se aproxima, pergunta sua opinião e não precisa esperar pela resposta ávida: "O povo de Brasília não está interessado nesses assuntos de Constituinte. A gente quer saber é de moradia, alimentação. Ainda não sei em quem vou votar. Já escrevi para vários candidatos oferecendo os votos da família em troca de um lote, mas nenhum me respondeu".

As gravações duraram uma hora (só dois minutos irão ao ar) e terminaram em frente ao Palácio do Planalto, onde o can-



didato defendeu a realização de um plebiscito para decidir sobre a transformação da cidade em Estado. Não sem antes lembrar as vantagens que Brasília, como hospedeira do Governo Federal, pode tirar da situação.

Finalmente, chega a hora do coquetel. No salão do Iate Clube, umas mil pessoas se cumprimentam entre garçons que servem desde refrigerantes até generosas doses de uísque. Os convidados estão elegantes, mas as faixas de apoio ao candidato pecam por alguns deslizes na gramática: "Tua sinceridade e honestidade vai levá-lo ao Senado".

No palco, o diretor da Brasal, Luiz Roberto, apresenta os candidatos (além de Adriano, estão lá quase todos os que disputam pelo PFL as cadeiras brasileiras na Câmara). Enfim, é a vez do próprio Osório Adriano discursar, lamentando que a cidade tenha ficado tanto tempo aliada do processo político. Quarenta dias antes das eleições, ele disse que antevê a "grande vitória" do seu partido e que se sente gratificado com as mani-

festações de apoio que tem recebido. Concluiu anunciando pontos de sua plataforma eleitoral.

Antes da festa acabar, o candidato chama a repórter a um canto e revela que ficou magoado com algumas perguntas e colocações feitas durante o dia. Disse que certos políticos profissionais não se abalam com essas coisas, mas que pessoalmente não está conseguindo administrá-las muito bem. As acusações de abuso do poder econômico, por exemplo, "me ferem muito", assim como também se sentiu ofendido quando perguntado se, pela manhã, saíra no costumeiro Santana. Ou se, no início da cidade, chegara a trabalhar como peão.